

Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral

A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém)

Carlos Tavares da Silva *
Joaquina Soares **

Resumo

A sepultura megalítica do Marco Branco situa-se na margem esquerda da Ribeira da Cascalheira, no Alentejo litoral. Trata-se de uma sepultura sem corredor e de câmara fechada, de planta naviforme, com a base escavada e de pequenas dimensões (1,35 m × 1,70 m). Integra-se em uma estrutura tumular simples (cintura de pedras encostada aos lados da câmara).

O seu enchimento mostra duas fases de utilização. Na segunda fase efectuaram-se, pelo menos, três inumações e rituais de fogo. O espólio proveniente quer do estrato mais antigo, quer do estrato correspondente à segunda fase, quer ainda do *tumulus* é pobre e caracteriza-se pela presença do geométrico trapezoidal e de raras contas discóides em xisto e ausência da ponta de seta e da placa de xisto.

Considerando o megalitismo da região, na qual se integram os dólmenes da Palhota (momento avançado da fase média do megalitismo) e o da Pedra Branca (fase de apogeu do megalitismo — Neolítico final e Calcolítico inicial), admite-se que a sepultura do Marco Branco pertença à fase inicial do megalitismo, situável no Neolítico médio (primeira metade e meados do quarto milénio).

Résumé

La sépulture mégalithique de Marco Branco se situe sur la rive gauche de la rivière de Cascalheira, dans l'Alentejo littoral. Il s'agit d'une tombe de petites dimensions sans couloir et de chambre fermée (de forme ovale). La base a été creusée dans le schiste Carbonique. La sépulture a été entourée par une structure tumulaire simple (ceinture de blocs appuyés aux dalles de la chambre). Son

* Gabinete da Área de Sines.

** Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal.

remplissage correspond à deux phases d'occupation. Pendant la 2^e phase ont eu lieu au moins, trois inhumations accompagnées de rituels de feux.

Le mobilier, soit de la couche correspondant à la seconde phase, ou soit même du tumulus est pauvre et se caractérise par la présence du géométrique trapézoïdal, par de rares perles rondes et plates en schiste et par l'absence de la pointe de flèche et de la plaque de schiste.

Dans le cadre du mégalithisme de la région, auquel appartiennent les dolmens de Palhota (phase moyenne du mégalithisme) et le dolmen de Pedra Branca (l'apogée du mégalithisme — Néolithique final et Chalcolithique initial), on considère que la sépulture de Marco Branco correspond à une phase du mégalithisme appartenant au Néolithique moyen (première moitié du 4^{ème} millénaire).

As escavações dos dólmenes da Pedra Branca¹ e da Palhota², situados entre Melides e Santiago do Cacém — representando as primeiras tentativas para conhecer o megalitismo da faixa litoral alentejana —, revelaram a existência de duas fases no desenvolvimento desse fenómeno sociocultural, na referida região:

- O monumento da Palhota corresponderia a um momento, talvez avançado, da fase média do megalitismo do Alentejo litoral;
- O dólmen da Pedra Branca, situado apenas a 700 m para norte do da Palhota, assinalaria a fase de chegada à região de Melides-Santiago do Cacém de influências oriundas do Alto Alentejo representativas da fase de apogeu e de expansão do megalitismo desta área cultural.

A identificação destas duas fases estimulou os autores a incrementarem a prospecção, tendo em vista a localização não só de novos monumentos cultural e cronologicamente afins dos já conhecidos e cujo estudo pudesse confirmar as observações anteriores, como também a de outros mais antigos definidores da fase inicial do megalitismo da mesma região.

Assim, em 1978, e no âmbito das actividades do Grupo de Trabalhos de Arqueologia de Gabinete da Área de Sines, descobrimos a sepultura do Marco Branco que parece corresponder a uma fase anterior à da Palhota³.

¹ Escavação da responsabilidade dos Serviços Geológicos de Portugal: FERREIRA, O. da V.; ZBYSEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. R. de, *Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides)*, "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", LIX, Lisboa, 1975.

² Escavação realizada pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, sob a direcção dos autores: SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém)*, "Setúbal Arqueológica", II-III, Setúbal, pp. 109-150.

³ A escavação foi da responsabilidade do G.T.A. do Gabinete da Área de Sines e contou com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Dirigida pelos autores, nela participaram os senhores Amândio dos Reis Sobral, Ventura Pereira e Valentim Pinela, do G.T.A., Antónia Coelho-Soares e Jorge Costa, técnicos do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, e Maria da Conceição Oliveira que se encarregou, sobretudo, do tratamento do material osteológico.



Fig. 1: Localização da sepultura do Marco Branco na península Ibérica.

Localização

O monumento do Marco Branco situa-se a aproximadamente 150 m para W.SW. da casa do Monte do mesmo nome e a cerca de 10 km para N.NW. da vila de Santiago do Cacém, a cujo concelho pertence (freguesia de S. Francisco da Serra), sobre uma área subplanática, formada por xistos do Carbónico, da margem esquerda da ribeira da Cascalheira, à cota de 110 m. Integra-se na quadrícula hectométrica GAUSS:

$$X = 148 \ 4$$

$$Y = 126 \ 1^4$$

A poucos metros para sul do monumento, corre um arroio, afluente da ribeira da Cascalheira.

Além dos xistos do Carbónico que constituem o substrato geológico, afloram calcários do Jurássico no Monte da Salema, a cerca de 500 m para W.NW.

Relativamente à localização dos dois monumentos megalíticos atrás referidos, a sepultura do Marco Branco dista 800 m (para SE.) do dólmen da Palhota (na margem oposta da ribeira da Cascalheira) e cerca de 1400 m (para S.SE) do dólmen da Pedra Branca, também na margem direita da mesma ribeira. É de referir ainda, no que respeita ao meio arqueológico, a curta distância (somente 200 m) que separa o Marco Branco do povoado do Neolítico Antigo da Salema, com cerâmica impressa (alguma cardial), incisa (abundante) e plástica⁵. Acrescente-se que, para atingir o monumento do Marco Branco, partindo da Salema, basta subir a encosta que limita este povoado a este, vencendo um desnível de 20 m.

Arquitectura

A planta do monumento, após totalmente escavado, mostra uma câmara fechada, naviforme, sem corredor, envolvida por uma cintura tumular de blocos de calcário e de grauaque.

⁴ *Carta Militar de Portugal*, folha 505 (St.º André), Esc. 1:25 000, Serviços Cartográficos do Exército, 1944.

⁵ SILVA, C. T. da; SOARES, J., *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

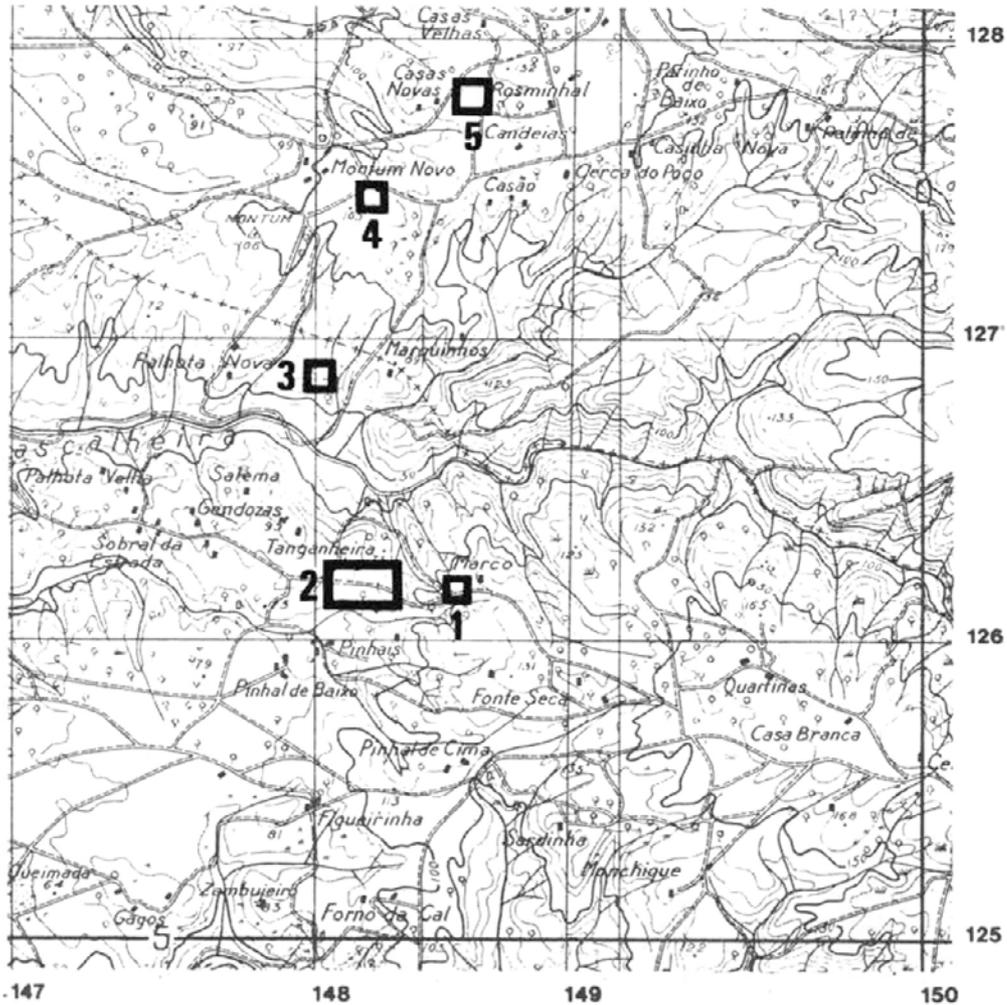


Fig. 2 — Localização da jazida e meio arqueológico: 1 — sepultura do Marco Branco; 2 — povoado do Neolítico Antigo da Salema; 3 — dólmen da Palhota; 4 — dólmen da Pedra Branca; 5 — necrópole do Bronze do Sudoeste das Casas Velhas (esc. 1 : 25 000).

A câmara funerária, com o eixo maior orientado segundo a direcção E.-W. (norte magnético de 1978), possui 1,70 m de comprimento (L) interno (2,20 m, externamente) e 1,35 m de largura (l) interna (indeterminada, externamente).

$$\frac{L. \text{ da Câmara}}{l. \text{ da câmara}} = 1,3$$

A sua construção iniciou-se pela abertura de uma cova que rompeu o solo de então (espessura com pouco mais de 0,15 m) e que, pondo a rocha à vista,

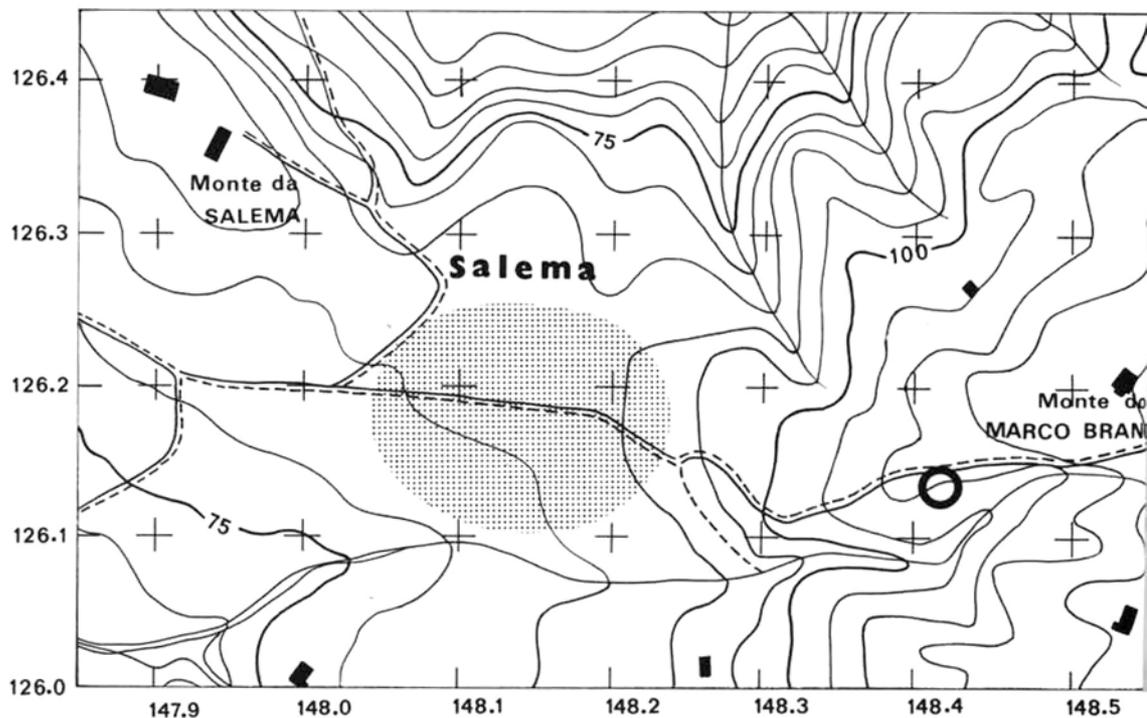


Fig. 3 — Localização da jazida na carta (esc. 1 : 5000).



Fig. 4 — O local do monumento, visto de Este.

permitiu que esta fosse escavada e afeiçoada. Obteve-se assim, na rocha, uma depressão ovalada com uma profundidade máxima de 0,25 m. Sobre os limites dessa depressão foram então colocados blocos de xisto grauváquico e de grés

calcário, baixos e estreitos, nem sempre assumindo o carácter de verdadeiros esteios: dos que restam, só no caso do *e* se verificou uma implantação que atingiu a rocha; os blocos *a*, *b*, *d* e *f* teriam assentado directamente sobre a superfície do solo de então.

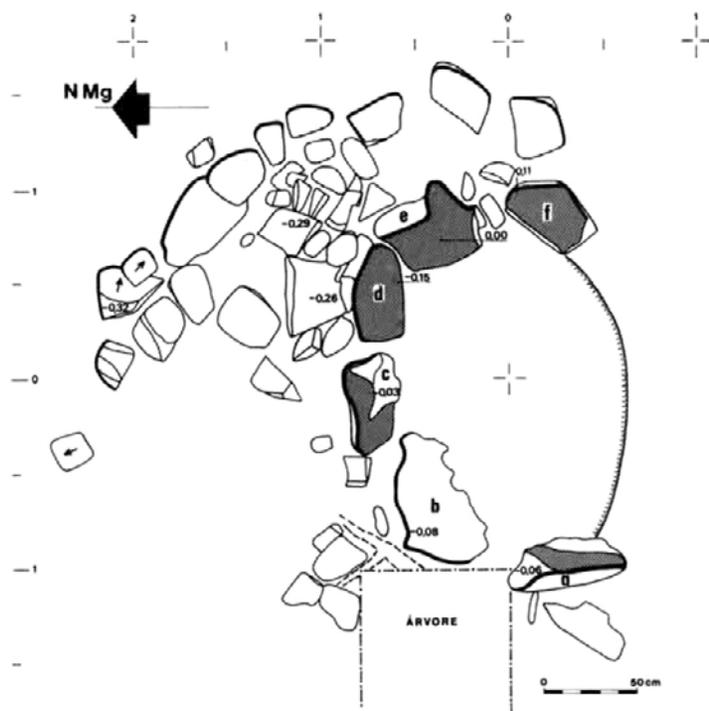


Fig. 5 — Planta do monumento (esc. 1 : 40).

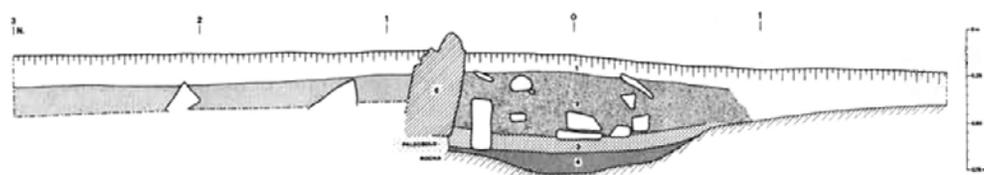


Fig. 6 — Perfil estratigráfico N.-S. (esc. 1 : 40).

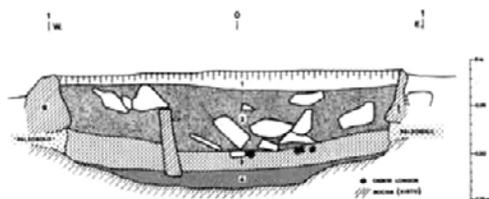


Fig. 7 — Perfil estratigráfico E.-W. (esc. 1 : 40).

O lado sul da câmara funerária apresentava-se completamente destruído, tendo desaparecido os blocos/esteios que o limitavam e não restando qualquer vestígio da estrutura tumular; foi porém facilmente definido através da observação do traçado do corte da rocha.

São os seguintes os blocos (e os esteios) que chegaram até nós:

- a — Xisto grauváquico. Compr. 0,67 m; alt. 0,40 m; esp. 0,35 m; cota da base: -0,44 m; cota da parte superior: -0,06 m. Assenta sobre o paleossolo. Fraturado em altura.
- b — Grés calcário branco com fósseis de moluscos marinhos. Irregular e lapializado. Compr. 0,80 m; alt. 0,38 m; esp. 0,44 m; cota da base: -0,46 m; cota da parte superior: -0,08 m. Assenta sobre o paleossolo. Inteiro.
- c — Dolerito. Compr. 0,55 m; alt. 0,57 m; esp. 0,27 m; cota da base: -0,58 m; cota da parte superior: -0,03 m. Implantado no paleossolo sem que tenha atingido a rocha. Fraturado em altura.
- d — Xisto grauváquico. Compr. 0,51 m; alt. 0,36 m; esp. 0,29 m; cota da base: -0,52 m; cota da parte superior: -0,15 m. Implantado no paleossolo sem que tenha atingido a rocha. Fraturado em altura.
- e — Xisto grauváquico. Compr. 0,61 m; alt. indeterminada (0,63 m na parte visível); esp. 0,45 m; cota da base: indeterminada; cota da parte superior: -0,0 m. Implantado numa cavidade aberta na rocha. Fraturado em altura.
- f — Xisto grauváquico. Compr. 0,47 m; alt. 0,41 m; esp. 0,30 m; cota da base: -0,50 m; cota da parte superior: -0,11 m. Assenta sobre o paleossolo. Fraturado em altura.

Numa segunda fase de utilização da sepultura, foi construída, no sector NW. da câmara, uma fiada de pequenos esteios de xisto grauváquico e de calcário, de orientação NE.-SW., que formava no canto NW. da câmara um compartimento com 0,30 m de largura e cerca de 1 m de comprimento. Estes esteios, em que o maior, de calcário, tinha 0,35 m de compr., 0,55 m de alt. e 0,08 m de esp., nem sempre atingiam a rocha (somente o maior a atingia e apenas em alguns pontos da sua base) o que mostra que a sua implantação deve remontar ao início da formação da C.3 e a utilização do compartimento deve ser contemporânea das tumulações a que corresponde o material osteológico que integra essa camada.

O que restava da estrutura tumular que envolveu a câmara era constituído por uma cintura de blocos de xisto grauváquico e de calcário. Conservava-se unicamente no sector NE. e em parte do sector NW. (este último, ocupado pelas raízes de um sobreiro). Teria contorno subcircular (raio de cerca de 2 m, a contar do centro da câmara). Os blocos que a integravam possuíam dimensões compreendidas entre 0,10 m e 0,50 m e eram ligados por argila amarelada, contendo pequenos fragmentos de carvão disseminados. As cotas variavam entre -0,32 m, na periferia, e -0,26 m, junto dos lados da câmara.

Enchimento da câmara

A escavação da câmara funerária revelou a seguinte sucessão de camadas (de cima para baixo):

- C.1 — Esp. 0,05-0,10 m. Superficial. Rica em raízes. Pouco argilosa e solta. Escassas pedras. Cor castanho-avermelhada escura (5 YR 3/4), quando húmida, e bege (10 YR 7/3), quando seca. Forneceu um resíduo de talhe, em sílex (peça n.º 13).
- C.2 — Esp. 0,25-0,35 m. Argila arenosa vermelha escura (2.5 YR 3/6) quando húmida e castanho-avermelhada (5 YR 5/4), quando seca. Pouco compacta. Numerosos blocos de calcário e de xisto grauváquico, atingindo, frequentemente, 0,25 m de comprimento. Forneceu três resíduos de talhe, em sílex (n.ºs 7-9), 1 lasca residual em quartzo leitoso (n.º 10), 1 raspadeira lateral, de chert (n.º 11), 3 pequenos fragmentos de cerâmica, sem bordo e erodidos e 1 fragmento de conta discóide em xisto (n.º 12).

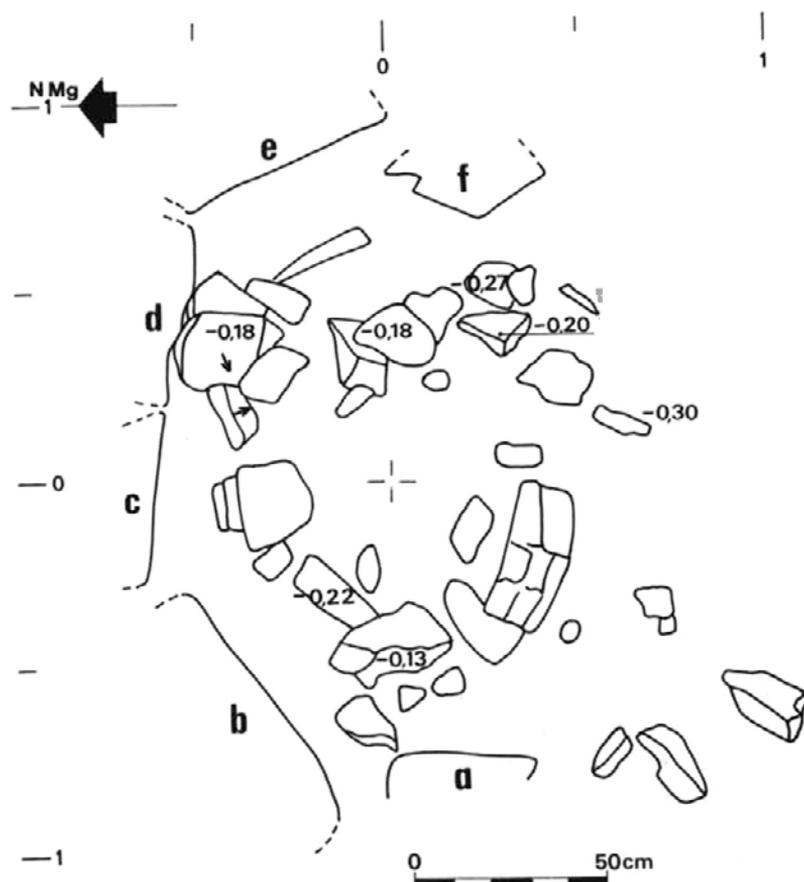


Fig. 8 — Plano da parte superior da camada 2 do enchimento da câmara funerária (esc. 1 : 20).

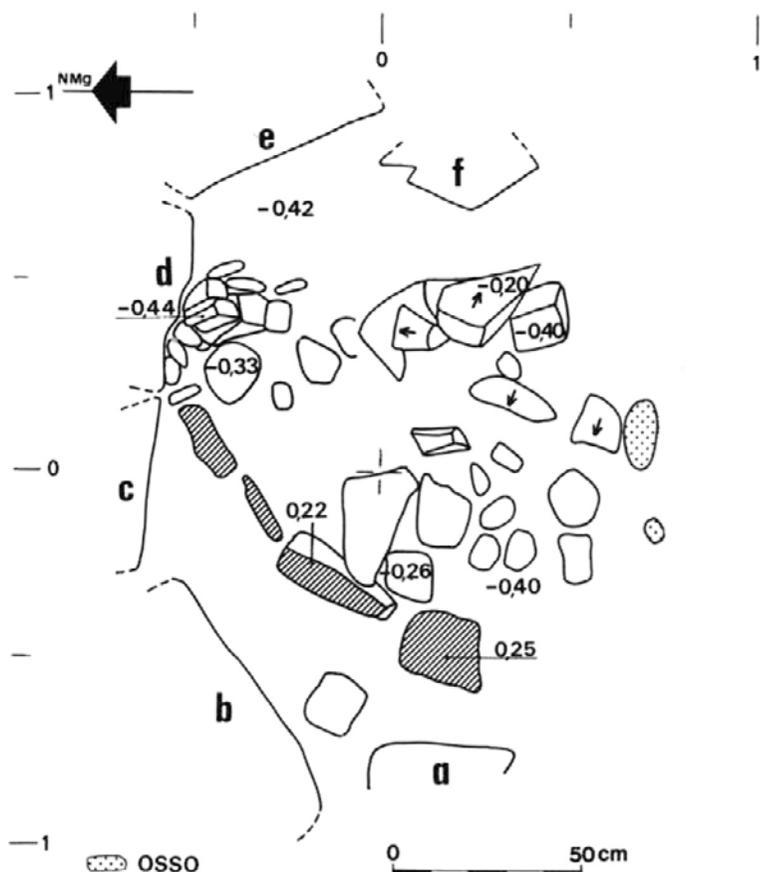


Fig. 9 — Plano da base da camada 2 do enchimento da câmara funerária (esc. 1 : 20).

C.3 — Esp. 0,08-0,12 m. Argila arenosa castanho-amarelada escura (10 YR 4/4), quando húmida e amarela (10 YR 7/5), quando seca. Compacta. Escassas pedras. Ossos humanos, mal conservados, pertencentes a, pelo menos, três indivíduos; não surgem em conexão; distribuem-se pelos sectores NE., e SW. No interior do compartimento do sector NW. não surgiram ossos, nem espólio; a camada era solta, acinzentada e avermelhada, com acção do fogo, contendo cinzas e pequenos fragmentos de carvão. Fora desse compartimento, a C.3, além de 1 resíduo de talhe, em sílex (n.º 4) e de 6 pequenos fragmentos de cerâmica sem bordo e rolados, forneceu ainda 1 buril em quartzo leitoso, na parte superior da camada (n.º 5) e 1 fragmento de possível lâmina, em sílex, na base da camada (n.º 6).

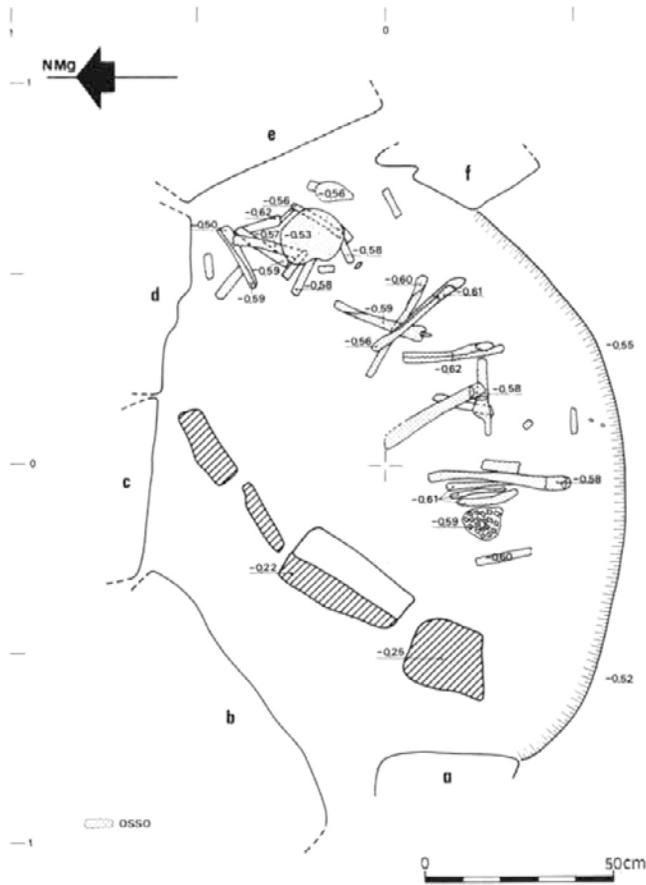


Fig. 10 — Plano da camada 3 (2.ª fase de utilização da sepultura) do enchimento da câmara funerária (esc. 1 : 20).

C.4 — Esp. 0,10 m. Argila arenosa castanha (10 YR 4/3), quando húmida e amarelo-acastanhada (10 YR 6/5), quando seca. Compacta. Preenche a depressão escavada na rocha. Algumas pedras, na parte superior. Não forneceu ossos; na base, sobre a rocha, surgiram 1 raspador ungui-forme, em sílex (n.º 1), 1 lâmina em sílex (n.º 2) e 1 conta discóide em xisto (n.º 3), além de 1 pequeno fragmento de cerâmica sem bordo.

Este perfil parece corresponder a duas fases de utilização do monumento:

— A primeira, de que não resta qualquer testemunho osteológico, está representada pelos materiais que assentavam sobre a rocha escavada e afeiçãoada e que integravam a C.4. A ausência de ossos humanos é explicável pela acidez resultante da proximidade do substrato formado pelos xistos do Carbónico.

— A segunda é constituída pelas tumulações da C.3 (cujos ossos se conservaram parcialmente devido, talvez, à presença dos blocos de calcário da C.2

que teriam contribuído para a criação de um meio menos ácido que o da C.4) e pelas escassíssimas peças que as acompanhavam⁶. Nesta segunda fase foram sepultados pelo menos três indivíduos e implantada uma fiada de pequenos esteios que criou, no sector NW., um compartimento onde se fez fogo, possivelmente de carácter ritual.

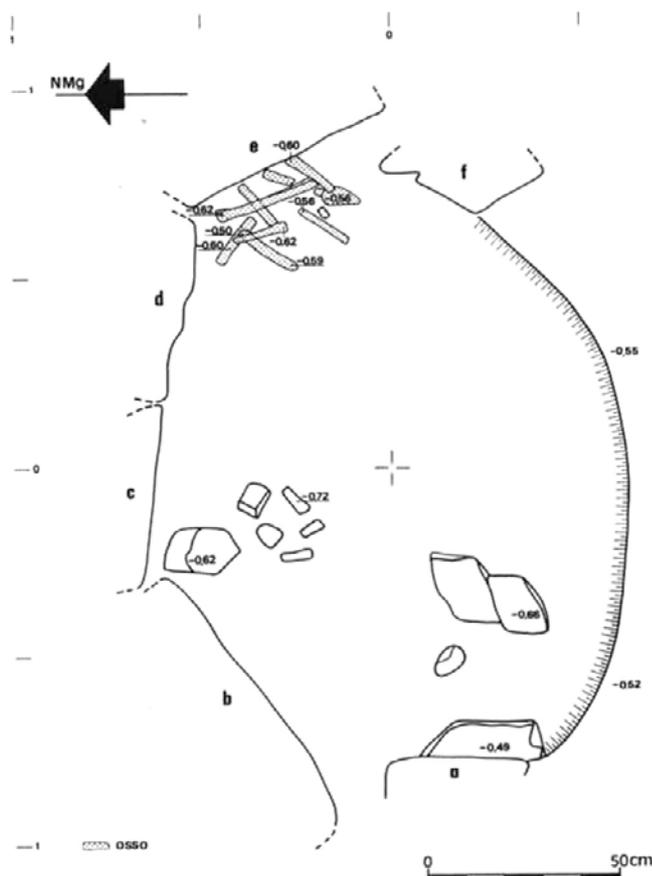


Fig. 11 — Plano da base da camada 3 do enchimento da câmara funerária (esc. 1 : 20).

⁶ Não é de excluir a hipótese de os mortos terem sido acompanhados por materiais perecíveis, como se verificou na Cueva de los Murciélagos (Albuñol), onde excepcionais condições de conservação permitiram que chegassem até nós numerosas peças neolíticas de esparto: ALFARO GINER, C., *Estudio de los materiales de cesteria procedentes de la Cueva de los Murciélagos (Albuñol, Granada)*, "Trabajos de Prehistoria", 37, Madrid, 1980, pp. 109-162.

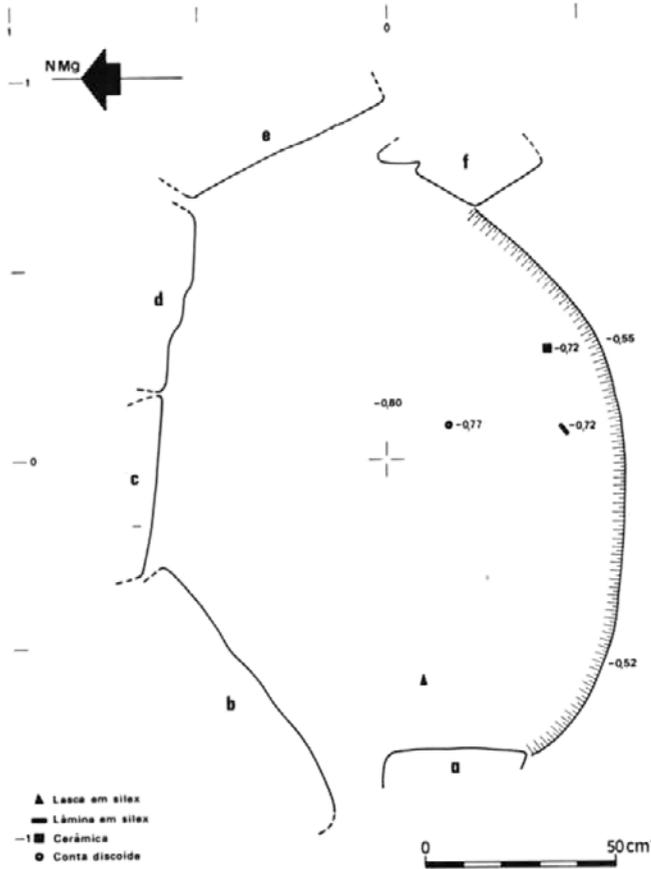


Fig. 12 — Plano da base da camada 4 (1.ª fase da utilização da sepultura) da câmara funerária (esc. 1 : 20).

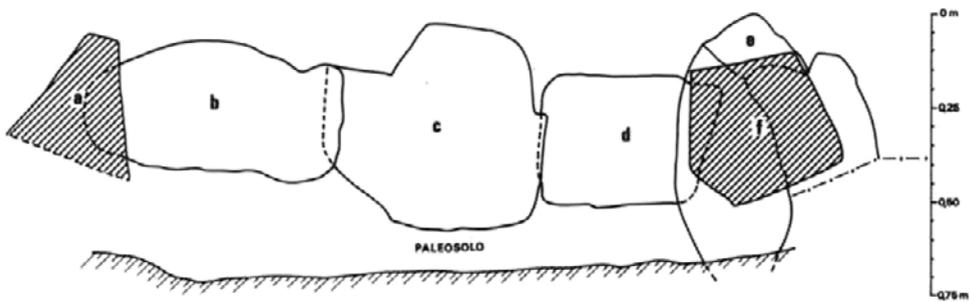


Fig.13 — Alçado da parede Norte da câmara funerária (esc. 1 : 20).

Espólio

Interior da sepultura

No interior da sepultura o espólio distribuía-se, estratigraficamente, do seguinte modo:

C.4

- Raspador unguiforme, em sílex (n.º 1⁷)
- Lâmina em sílex com traços de utilização (n.º 2)
- Conta discóide em xisto (n.º 3)
- Fragmento de cerâmica, erodido, liso, sem bordo e de reduzidas dimensões.

C.3

- Resíduo de tale, em sílex (n.º 4)
- Buril, em quartzo leitoso (n.º 5 — parte superior da camada)
- Fragmento de possível lâmina em sílex (n.º 6 — base da camada, na transição para a C.4)
- 6 fragmentos de cerâmica, erodidos, lisos, sem bordo e de reduzidas dimensões.

C.2

- 3 resíduos de talhe, em sílex (n.ºs 7-9)
- 1 lasca residual em quartzo leitoso (n.º 10)
- 1 raspadeira lateral de chert (n.º 11)
- 3 fragmentos de cerâmica, erodidos, lisos, sem bordo e de reduzidas dimensões.
- 1 fragmento de conta discóide em xisto (n.º 12 — base da camada).

C.1

- Resíduo de talhe, em sílex (n.º 13).

Exterior da sepultura

A escavação do que restava do *tumulus* (sector NE.) permitiu verificar que no seio das terras que o constituíam, designadamente no sedimento argiloso que ligava as pedras da cintura tumular, se encontravam peças líticas (1 fragmento de sílex — n.º 14 —, 2 resíduos de talhe, em sílex — n.ºs 15 e 16 —, 2 fragmentos de núcleos — n.ºs 17 e 18 —, 2 lascas residuais, em sílex — n.ºs 19 e 20 —, 2 lamelas em sílex, com traços de utilização — n.ºs 21 e 22 — e 1 trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas, em sílex — n.º 23) e fragmentos de cerâmica (um deles com bordo — n.º 24).

⁷ Número do catálogo e da respectiva figura.



Fig. 14 — Aspecto da estrutura tumular.



Fig. 15 — Aspecto geral do monumento visto do Sul.

Indústria lítica

As peças líticas, muito pouco numerosas, não permitem a definição de uma indústria, sendo apenas possível apontar presenças e ausências, cujo valor nunca é definitivo mas, quanto muito, tendencial.

A matéria-prima utilizada foi o sílex, em 15 peças, o chert, em 1 e o quartzo leitoso, em 2. O sílex apresenta cores variadas que se polarizam em torno do castanho (9 exs.) e do cinzento (6 exs.).

Os resíduos (6 exs.) são de dimensões muito reduzidas (de $33 \times 9 \times 7$ mm a $8 \times 7 \times 2,5$ mm), de sílex medíocre tendo-se conservado, em 4 exs., restos do córtex; a sua distribuição fazia-se pela parte superior do enchimento da sepultura (C.s 1 e 2), em camadas com evidentes apортаções do *tumulus*, e pelo exterior (área do *tumulus*). Do *tumulus* provieram ainda 2 fragmentos de núcleos, em sílex, tão reduzidos que não foi possível precisar os seus tipos.

As lascas residuais, duas em sílex e uma em quartzo leitoso, de pequenas dimensões ($20 \times 15 \times 4$ mm, $18 \times 18 \times 4$ mm e $11 \times 9 \times 3,5$ mm) distribuíam-se também pela C.2 do enchimento da sepultura e pelo *tumulus*.

Os utensílios (7 exs. — quase metade do total das peças líticas) formam um conjunto de carácter arcaizante. A matéria-prima usada foi o sílex (5 exs.), o chert (1 ex.) e o quartzo leitoso (1 ex.).

O raspador e o buril parecem invocar uma certa tradição do Neolítico antigo. O trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas corresponde ao tipo exclusivo dos geométricos do monumento de planta fechada do Poço Pereira⁸ e que predomina no grupo dos geométricos do dólmen com esboço de corredor do Poço da Gateira⁹; ocorre também no vizinho dólmen da Palhota¹⁰, embora a maioria dos trapézios deste monumento apresente a base menor com “enchoche”, variante presente também nos dólmenes primitivos de Reguengos de Monsaraz. As lamelas com traços de uso e, muito particularmente, a lâmina, também com vestígios de utilização, da base da C.4, são peças muito comuns em contextos do Neolítico médio (Antá 1 do Poço da Gateira, Gruta da Salvé-Rainha¹¹); contudo, nesses contextos, as lâminas tendem para aumentar a largura e o comprimento relativamente aos do nosso exemplar; este situar-se-ia, pois, na base de uma tal evolução. Importa, por fim, salientar a ausência, no Marco Branco, de pontas de seta, mesmo de base pedunculada (as consideradas mais antigas), tipo registado no vizinho monumento da Palhota.

⁸ LEISNER, G.; LEISNER, V., *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*, Berlin, 1959, est. 12, 1.

⁹ LEISNER, G.; LEISNER, V., *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, 1951, est. II-IV.

¹⁰ SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *op. cit.* (nota 2).

¹¹ PEREIRA, J. P., *A gruta natural de Salvé Rainha (Serra de Montejuízo)*, “Setúbal Arqueológica”, II-III, Setúbal, est. VI, 1-2.

Cerâmica

Os dez fragmentos de cerâmica recolhidos no interior da sepultura, nas C.s 2; 3 e 4, apresentam, no seu conjunto, ao microscópio de reflexão, uma pasta muito homogênea: em geral semicompacta com numerosos elementos não plásticos (e.n.p.) de quartzo leitoso e cristal de rocha, rolados, sub-rolados e angulosos (estes últimos muito abundantes), em geral com 0,5-1 mm, mas por vezes atingindo 2 mm e mais; inclusões negras, angulosas (ca. 0,5 mm) e, mais raramente, roladas (0,5-1 mm); escassas partículas de mica branca. Esta composição mineralógica indica um fabrico local ou regional (tipo de pasta comum a cerâmicas de outras jazidas da região, pertencentes a diferentes épocas¹²). Os e.n.p. de quartzo, pela sua abundância e, por apresentarem, frequentemente, arestas vivas, teriam sido adicionados voluntariamente ao barro de modo a reduzir-lhe a plasticidade; tornava-se, assim, mais fácil proceder à modelação do recipiente e evitava-se que, durante as fases de secagem e cozedura, a peça fendesse, pois as contracções seriam mínimas por uma rápida evaporação da água contida na argila.

No que se refere à cor, esses fragmentos possuem a superfície externa vermelho-amarelada (Munsell 5 YR 5/8 e 5 YR 5/6), vermelha (2.5 YR 4/8 e 2.5 YR 5/8) ou castanha (7.5 YR 4/6), a superfície interna da mesma cor da externa, ou negra (metade dos exemplares) e a secção com espessa zona intermédia negra e finas zonas superficiais avermelhadas ou com fina zona superficial externa avermelhada e espessa zona superficial interna negra. Os recipientes teriam, pois, sido cozidos em ambiente redutor, com uma fase final ou de pós-cozedura (arrefecimento) oxidante. Ter-se-ia utilizado, muito possivelmente, uma simples fogueira ao ar livre.

O tratamento das superfícies não foi possível analisar, visto os exemplares se mostrarem muito erodidos (corroídos?).

A espessura varia entre 6 mm e 10 mm (a maioria com 6 e 7 mm).

No exterior da sepultura (*tumulus*) foram recolhidos seis fragmentos de cerâmica, de um modo geral de maiores dimensões e de superfícies menos estragadas que os do interior da sepultura. A pasta contém e.n.p. da mesma natureza mineralógica dos últimos. O exemplar n.º 24 (fragmento com bordo de uma taça em calote) é totalmente negro (secção e superfícies); os restantes apresentam, em secção, uma zona intermédia negra entre zonas superficiais avermelhadas (2.5 YR 5/8). A cozedura processou-se, por conseguinte, em ambiente redutor e houve, quase sempre, uma fase final oxidante.

No tratamento da superfície está presente o alisado.

A espessura varia entre 6 e 12 mm.

A única forma identificada corresponde a uma taça em calote com bordo subvertical, direito, sem espessamento e de lábio convexo.

¹² Cf. SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *Cerâmica pré-romana de Miróbriga*, "Setúbal Arqueológica", V, Setúbal, 1979.

Catálogo

Interior da sepultura

C.4

1 — Raspador (“grattoir”) unguiforme sobre lasca muito larga ($l/L > 1$) e delgada (esp. 3,5 mm). Frente de raspador localizada na zona proximal (a mais espessa) da lasca. Retoque muito abrupto (80°) e vertical (90°), inverso. Sílex castanho-amarelado (aprox. 10 YR 5/4). $16 \times 20 \times 3,5$ mm. Inv. M.B./2. Sector SW. (0,08 m S.; 0,58 m W.); C.4 (-0,75 m).

2 — Lâmina com traços de utilização (minúsculos negativos irregulares, bifaces), distribuídos por todo o comprimento do bordo direito e no terço proximal do bordo esquerdo (inverso). Talão facetado. Bolbo difuso. Secção transversal trapezoidal. Longitudinalmente arqueada (terço distal). Sílex castanho-amarelado escuro (10 YR 4/2 e 10 YR 3/2). $60 \times 14 \times 4$ mm. Inv. M.B./1. Sector SE. (0,45 m S.; 0,07 m E.); C.4 (-0,72 m).

3 — Conta discóide em xisto cinzento-escuro (N 4). Diam. 6,5 mm; $e = 1$ mm. Sector SE. (0,15 m S.; 0,10 m E.); C.4 (-0,77 m).

C.3

4 — Resíduo de talhe em sílex cinzento-azeitona (5 Y 5/1) com uma mancha vermelho-escuro (5 R 3/4). $19 \times 8 \times 8$ mm. C.3. Não desenhado.

5 — Buril de bisel poligonal, sobre plano não retocado, e com retoque de paragem. Constituído por três levantamentos: dois curtos e um com o comprimento da peça-suporte; um “encoche” pré-existente, formado por um único levantamento, determinou o comprimento das últimas facetes do buril. Quartzo leitoso. $22 \times 19 \times 7$ mm. Inv. M.B./27. Sector SE. (0,55 m S.; 0,02 m E.); C.3 (parte superior: -0,52 m).

6 — Fragmento distal de uma possível lâmina com um denticulado fino, directo, no bordo direito e com traços de uso (pequenos negativos irregulares) no bordo esquerdo. Restos de córtex. Secção transversal triangular. Reverso aplanado. Sílex castanho-escuro (5 YR 2/4) e branco. Córtex castanho-alaranjado (calcário?), aprox. 5 YR 6/6. $15 \times 14 \times 4$ mm. Sector SE. (0,05 m S.; 0,05 m E.); C.3 (base, transição para a C.4: -0,68 m).

C.2

7 — Resíduo de talhe, com zona cortical. Sílex branco e cinzento-acastanhado (5 YR 4/1 e 5 YR 3/1). $10 \times 9 \times 7$ mm. Inv. M.B./28. Sector NE.; C.2 (-0,50 m). Não desenhado.

8 — Resíduo de talhe, com zona cortical (1/6 da área total). Sílex cinzento claro (N7 e N8). Córtex (calcário?) castanho-alaranjado (5 YR 7/4). $11 \times 11 \times 8$ mm. Inv. M.B./22. Sector SW.; C.2 (-0,47). Não desenhado.

9 — Resíduo de talhe. Sílex cinzento-azulado (5 B 6/1), púrpura-acinzentado (5 RP 4/2), negro e castanho claro (5 YR 6/4). $8 \times 7 \times 2,5$ mm. Inv. M.B./11. Sector NW. (0,10 m N.; 0,70 m W.); C.2 (-0,30 m). Não desenhado.

10 — Lasca residual, regular e pouco espessa. Secção transversal sub-retangular. Reverso arqueado. Quartzo leitoso. $20 \times 15 \times 4$ mm. Inv. M.B./41. Sector SW. (0,53 m S.; 0,09 m W.); C.2 (-0,52 m).

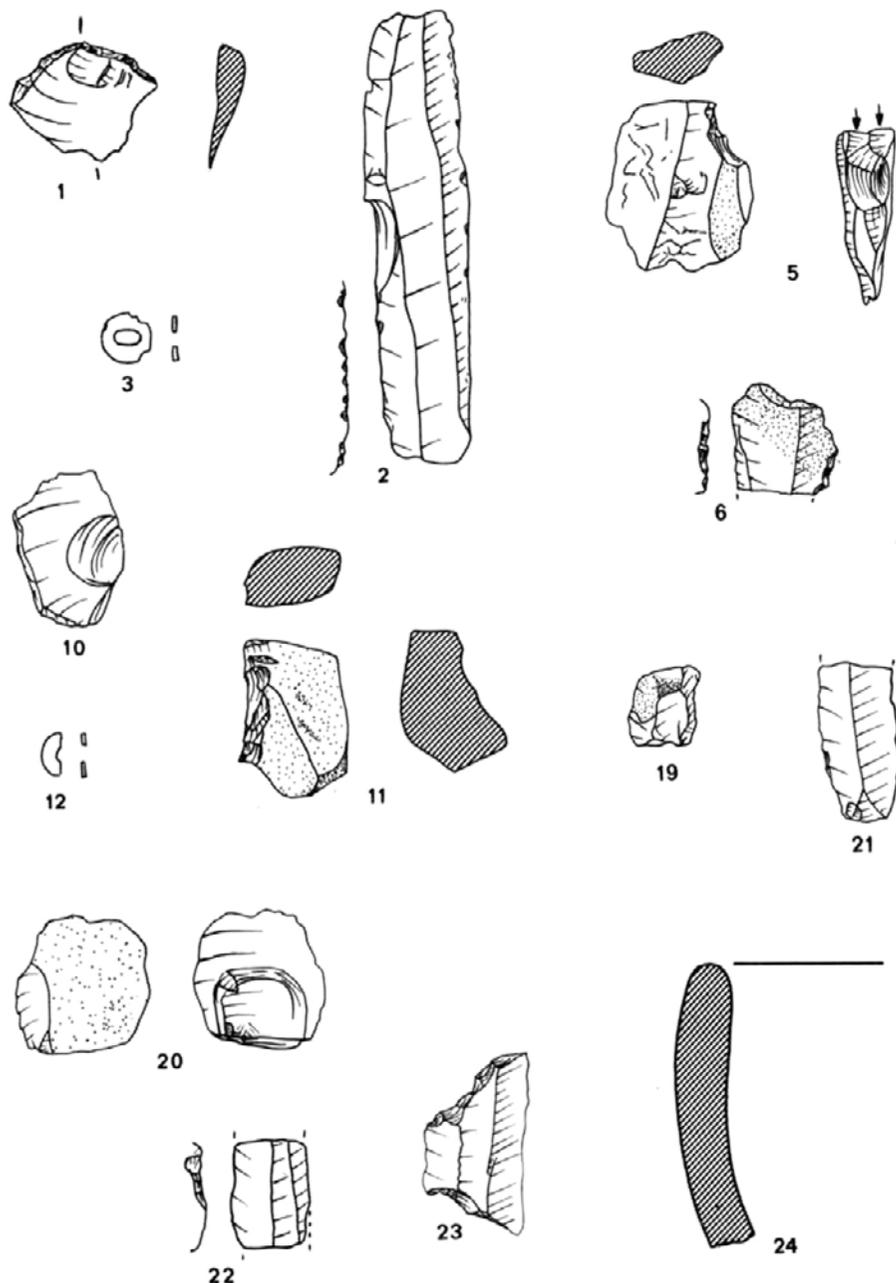


Fig. 16 — Espólio. Interior da sepultura: 1-12 (1-3: camada 4; 5 e 6: camada 3; 10-12: camada 2); exterior da sepultura: 19-24 (esc. 1:1).

11 — Raspadeira (“raçloir”) lateral, ligeiramente côncava, sobre lasca cortical muito irregular e espessa. Retoque abrupto e directo, mal conseguido devido à má qualidade da matéria-prima. Talão facetado. Bolbo saliente. Secção transversal subtrapezoidal. Sílex cinzento (N5 e N6). $22 \times 14 \times 14$ m. Inv. M.B./33. Sector SE.; C.2 (-0,45m).

12 — Conta discóide (fragmento) em xisto cinzento-azulado (aprox. 5 B 6/1). Diâm. 6 mm; esp. 0,5 mm. Sector SW. (0,63 m S.; 0,25 m W.); C.2 (-0,40 m).

C.1

13 — Resíduo de talhe com ampla área cortical (1/2 da área total). Sílex cinzento-rosado (5 YR 8/1) e laranja-acinzentado (aprox. 5 YR 7/2). $32 \times 31 \times 10$ mm. Inv. M.B./12. Sector SW.; C.1. Não desenhado.

Exterior da sepultura (*tumulus*).

14 — Fragmento de sílex, atravessado por veios de quartzo leitoso. Cinzento-esverdeado escuro (5 GY 4/1), cinzento-azeitona (5 Y 5/1) e castanho-amarelado (10 YR 5/4). $50 \times 36 \times 22$ mm. Inv. M.B. 35. Sector NE.; C.2. Não desenhado.

15 — Resíduo de talhe com pequena zona cortical. Sílex cinzento-azulado (5 B 6/1) e cinzento-azeitona claro (5 Y 6/1). $8 \times 12 \times 3$ mm. Inv. M.B./7. Sector SW.; C.2. Não desenhado.

16 — Resíduo de talhe. Sílex castanho-amarelado escuro (10 YR 4/2) e branco-acinzentado. $33 \times 9 \times 7$ mm. Inv. M.B./32. Sector NE.; C.2. Não desenhado.

17 — Fragmento de núcleo de tipo indeterminado, com zona cortical. Sílex vermelho-pálido (10 R 6/2), cinzento claro (N6) e rosa-alaranjado claro (5 YR 8/4). $18 \times 15 \times 10$ mm. Inv. M.B./29. Sector NE.; C.2. Não desenhado.

18 — Fragmento de núcleo de tipo indeterminado. Sílex cinzento-azulado (5 B 6/1). $16 \times 10 \times 8$ mm. Inv. M.B./31. Sector NE.; C.2. Não desenhado.

19 — Lasca residual, regular e pouco espessa. Talão cortical. Bolbo difuso. Secção transversal subtrapezoidal. Reverso arqueado. Sílex laranja-acinzentado (10 YR 7/4) e castanho-amarelado pálido (10 YR 6/2). $11 \times 9 \times 3,5$ mm. Inv. M.B./10. Sector SE. C.1.

20 — Lasca residual, irregular e pouco espessa, com anverso cortical. Talão liso. Bolbo eliminado por um amplo levantamento. Secções transversal e longitudinal irregulares. Sílex cinzento-acastanhado claro (5 YR 6/1) e cinzento-rosado (5 YR 8/1). $18 \times 18 \times 4$ mm. Inv. M.B./30. Sector NE.; C.2.

21 — Lamela com traços de utilização, directos, na zona proximal do bordo esquerdo, e inversos na zona mesial do bordo direito. Talão facetado. Bolbo parcialmente eliminado. Secção transversal triangular. Longitudinalmente ligeiramente arqueada. Fragmentada por flexão na região mesial. Sílex laranja muito claro (10 YR 7/2). $22 \times 10 \times 3$ mm. Inv. M.B./3. Sector NE.; C.1.

22 — Lamela com traços de utilização (no bordo esquerdo), inversos, que formam um *encoche* pouco profundo. Um levantamento estreito e alongado, resultante de uma pressão exercida perpendicularmente ao plano transversal da

peça, eliminou parte do bordo direito. Secção transversal subtrapezoidal. Reverso aplanado. Fragmento mesial. Silex cinzento (N6) e cinzento-acastanhado (5 YR 4/1) com pontos negros. 15 × 10 × 3,5 mm. Inv. M.B./9. Sector SE.; C.1.

23 — Trapézio simétrico de truncaturas muito oblíquas e sinuosas, uma delas com nítida concavidade. Retoque abrupto e directo e vestígios da técnica do microburil, na truncatura superior. Retoque abrupto e alternante na truncatura inferior. O fio da base maior, muito cortante, apresenta uma série de quatro minúsculos *coches* inversos no seu terço distal — vestígios de uso que nos leva a pôr a hipótese de este trapézio ter sido utilizado como barbela de zagaia. Secção transversal da peça-suporte, trapezoidal. Perfil longitudinal rectilíneo. Sílex aproximadamente cinzento-azeitona claro (5 Y 6/1). 24 × 13 × 3 mm. Inv. M.B./4. Sector NW.; C.2.

24 — Fragmento de cerâmica com bordo. Forma geral: taça em calote. Bordo subvertical, direito, sem espessamento; lábio convexo. Pasta pouco compacta com escassos e.n.p. de quartzo (0,5-1 mm), em geral rolados; escassas inclusões negras. Cor, das superfícies e da fractura, negra. Superfícies bem alisadas. Esp. 6 mm. Inv. M.B./20. Sector NW.; C.2.

Conclusões

O monumento do Marco Branco, sem dúvida o mais primitivo dos monumentos megalíticos conhecidos nas margens da ribeira da Cascalheira (Melides e S. Francisco da Serra) é já, pelo menos na sua segunda fase de utilização, uma sepultura colectiva. Muito embora a sua câmara funerária seja fechada e a área reduzida, nele foram sepultados, no mínimo, três indivíduos. Os ossos, bastante mal conservados, não se encontravam em conexão anatómica, facto que pode corresponder a uma utilização da sepultura em diversos momentos relativamente próximos, com o conseqüente afastamento dos ossos das tumulações anteriores para zonas periféricas (Sector NE.), cada vez que aquela voltava a ser aberta para receber novos depósitos funerários.

Sepultura ovalada, com a base escavada no xisto brando do Carbónico, e cujas paredes foram construídas a partir de simples blocos de pedra bordejando a cavidade e, de um modo geral, colocados à superfície do solo de então, o Marco Branco encontra talvez o seu melhor paralelo, quanto à técnica de construção, na cista megalítica de Areias 10 (Reguengos de Monsaraz)¹³.

Não obstante o nosso monumento, de um ponto de vista arquitectónico, se integrar perfeitamente no que Savory designa por “enterramentos singulares neolíticos do Sul de Portugal” que, segundo o mesmo autor, marcariam a primeira fase do megalitismo do Sudoeste peninsular e consistiriam em “*sepulturas cistóides oblongas ou ovais*, suficientemente grandes para conterem um cadáver estendido e constituídas por *pequenos blocos* de granito colocados à superfície, providas de um tecto de grosseira cúpula de modilhões e cobertas por *montículos circulares*”¹⁴ (o sublinhado é nosso), o certo é que na bibliogra-

¹³ LEISNER, G.; LEISNER, V., *op. cit.* (nota 9), p. 274, est. XXXVII.

¹⁴ SAVORY, H. N., *Espanha e Portugal*, Lisboa, 1969, p. 98.

fia disponível são raríssimos os paralelos para o monumento do Marco Branco. Presumimos que Savory, ao fazer a descrição que transcrevemos, se baseou em informações inéditas de Manuel Heleno. Com efeito, este arqueólogo “para esclarecer o problema da origem dos dólmenes e da originalidade dessa cultura no nosso país”, diz ter explorado “em 10 anos de incansáveis trabalhos mais de 300 desses sepulcros” e que “em dólmenes primitivos da região do Siborro (Montemor-o-Novo) e Estremoz” — encontrou testemunhos da existência do “neolítico puro em Portugal”¹⁵. Infelizmente, e como é do conhecimento geral, toda essa vastíssima documentação ficou inédita. E assim, o melhor paralelo que encontrámos é, como dissemos, o da Anta 10 da Herdade das Areias, cista megalítica rectangular, não sabemos se totalmente fechada, com $2 \times 1,10$ m, construída com 4 esteios, dos quais apenas dois têm uma altura de 0,75 m e chegam até ao chão da sepultura, sendo os restantes simples blocos com 0,64/0,50 m e menos de altura, colocados sobre a superfície do solo primitivo. O espólio, por se reduzir a 4 fragmentos de cerâmica, sem bordo, não permitiu qualquer ilação de carácter cronológico.

Salientamos o facto de as restantes cistas megalíticas publicadas se aproximarem do monumento do Marco Branco mais pela planta do que propriamente pela técnica de construção. Trata-se de cistas no sentido estrito do termo, isto é, construídas com verdadeiros esteios e não limitadas por blocos assentes sobre a superfície do solo primitivo.

A existência de um *tumulus*, constituído por blocos de pedra e terra, assegurava a conservação da sepultura propriamente dita e conferia ao monumento um carácter de permanência na cultura que o produziu: não se tratava, pois, de uma sepultura de circunstância.

Também as cistas megalíticas de Monchique se encontravam integradas em *tumuli*, contendo objectos de uso comum ou doméstico ligados à vida. Assim, os *tumuli* das sepulturas n.ºs 10 e 13 da necrópole de Palmeira (a primeira, com uma planta muito semelhante à do Marco Branco e a de menores dimensões daquela necrópole) possuíam, respectivamente, um elemento de mó e um pilão, e quatro fragmentos de cerâmica¹⁶.

Também no *tumulus* da sepultura do Marco Branco surgiu espólio incorporado. Exceptuando o aparecimento de um trapézio, o material aí presente assumia um carácter pouco individualizado: subprodutos do talhe, em sílex, e poucos fragmentos de cerâmica. No momento da construção, pelo menos algumas destas peças foram integradas na estrutura tumular. De que forma? Talvez com terra proveniente do povoado.

A presença de espólio no seio dos *tumuli* dos monumentos megalíticos representa um aspecto de carácter ritual que, nos últimos anos, sobretudo com

¹⁵ HELENO, M., *Um quarto de século de investigação arqueológica*, “O Arqueólogo Português”, Nova Série, III, Lisboa.

¹⁶ FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A., *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, XIV, 1-2, Porto, 1953.

a escavação sistemática das estruturas tumulares, tem vindo a ser posto em evidência: nas Caldas de Monchique, por J. Formosinho, Veiga Ferreira e Abel Viana¹⁷; na Lomba do Canho (Beira), por Castro Nunes¹⁸; na Palhota, por nós próprios¹⁹ e no monumento da Praia das Maçãs, por J. L. Marques Gonçalves²⁰. Ritual funerário que pode, pois, abarcar toda a evolução do fenómeno megalítico no Sul do País e que, inclusivamente, se prolonga pelo “Bronze do Sudoeste” (Grupo de Sines)²¹.

O aparecimento de pequenos fragmentos de cerâmica, normalmente erodidos, bem como de resíduos de talhe e de peças líticas fragmentadas nas camadas do enchimento da sepultura do Marco Branco, poderá ser explicado por infiltrações provenientes das terras do *tumulus*. De notar a localização desse material: na transição da C.4 para a C.3, na parte superior da C.3 e, sobretudo, na C.2, a que corresponde à fase de definitivo abandono da sepultura.

Pertence à segunda fase de utilização do monumento do Marco Branco uma curiosa estrutura de combustão, limitada por pequenos esteios, que aponta para a prática de fogos rituais. Também no vizinho dólmen da Palhota²² foi observada, no interior da câmara, uma estrutura de combustão formada por blocos de calcário que constituem uma bancada de planta rectangular, sobre a qual foi feito lume.

A sepultura do Marco Branco confirma o que se tem publicado quanto à escassez do material arqueológico fornecido pelas pequenas sepulturas megalíticas, facto que dificulta a integração cultural e cronológica destes monumentos. P. ex.: a sepultura do Poço Pereira (Elvas), de câmara igualmente fechada e sem corredor, forneceu três trapézios simétricos de truncaturas muito oblíquas e uma lâmina em sílex; as cistas megalíticas de Monchique mais semelhantes à do Marco Branco (Palmeira 9, 10 e 12) não deram materiais. Uma evolução muito lenta na arquitectura funerária da serra de Monchique dificulta a ordenação dos seus monumentos numa sequência cronológica, parecendo-nos apenas evidente uma evolução que, partindo das pequenas sepulturas referidas, culmina no túmulo 7 do Buço Preto, bastante comprido (ca. 4,80 m), aberto e com um estreito e curto corredor de acesso à câmara.

Muito pobre e arcaizante no seu conjunto, o nosso material marca talvez um momento inicial do Neolítico médio, centrado na primeira metade do quarto

¹⁷ FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A., *op. cit.* (nota 16).

¹⁸ NUNES, J. de C., *Introdução ao estudo da cultura megalítica no curso inferior do Alva*, Sá da Bandeira, 1974.

¹⁹ SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *op. cit.* (nota 2).

²⁰ GONÇALVES, J. L. M., *O monumento pré-histórico da Praia das Maçãs*, “Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa”, série III, 858, Lisboa, 1979.

²¹ SILVA, C. T. da; SOARES, J., *Cemitérios de cistas da Idade do Bronze da Área de Sines*, “Arqueologia”, 1, Porto, 1980, pp. 24-28.

SILVA, C. T. da; SOARES, J., *O monumento I da necrópole do “Bronze do Sudoeste” do Pessegueiro (Sines)*, “Setúbal Arqueológica”, V, Setúbal, 1979.

SILVA, C. T. da; SOARES, J., *Pré-história da Área de Sines*, Lisboa, 1981.

²² SOARES, J.; SILVA, C. T. da, *op. cit.* (nota 2).

milénio. O raspador unguiforme recorda certos artefactos de momentos anteriores (Neolítico antigo) e uma estreita e curta lâmina (peça n.º 2) anuncia já as lâminas muito regulares e largas do Neolítico recente. As contas discóides em xisto surgem no Alto Alentejo apenas em sepulturas de corredor bem diferenciado. Em Monchique, onde foram encontradas, por vezes em grande quantidade, em sepulturas de planta fechada, é de referir especialmente o seu aparecimento, em número reduzido (5 exs.), numa sepultura relativamente pequena (1,80 × 0,60 m) — Palmeira 3 —, juntamente com 5 trapézios simétricos de base menor retocada (“*encoques*”), uma lâmina de retoque irregular em um dos bordos, 2 contas (elipsoidal e cilíndrica) em mineral de cor verde e um fragmento de cerâmica com mamilo. Como hipótese de trabalho, podemos admitir o carácter precoce das contas discóides em xisto nos espólios megalíticos do Alentejo litoral e do Alto Algarve ocidental, sendo assimiladas tardiamente pelas populações megalíticas do Alto Alentejo. Na fase de apogeu do megalitismo do Sul de Portugal, correspondente ao Neolítico final, este elemento de adorno viria a tornar-se muito comum (p. ex.: 1147 exemplares no vizinho monumento da Pedra Branca)²³.

Nas margens da ribeira da Cascalheira, entre Melides e Santiago do Cacém, foram identificadas e escavadas 3 sepulturas megalíticas que parecem constituir marcos significativos de uma sequência cronológica e cultural que passamos a delinear, em traços gerais:

— *Marco Branco*. — Sepultura de câmara fechada e sem corredor, de pequenas dimensões (1,70 × 1,35 m) integrada em uma estrutura tumular simples (cintura de pedras encostadas aos lados da câmara). Número reduzido de enterramentos (3). Rituais de fogo. Escasso espólio arqueológico (depositado no interior da sepultura e no *tumulus*). Presença do geométrico trapezoidal. Ausência de pontas de seta e de placas de xisto. Raras contas discóides (2 exs.). Inícios do megalitismo da região (Neolítico médio — primeira metade/meados do quarto milénio).

— *Palhota*. — Câmara de planta sub-rectangular e corredor estreito e bem diferenciado. Estrutura tumular complexa (cintura de pedras encostada aos esteios da câmara e duas coroas circulares concêntricas). Enterramento colectivo com pequeno aumento do número de tumulações (ca. 5). Rituais de fogo. Aumento do espólio funerário depositado no interior da sepultura e no *tumulus*. Presença significativa de geométricos (mais de 50% da totalidade dos utensílios do interior da sepultura), com especial incidência do geométrico de *encoche* na base menor. Ponta de seta (rara) de base pedunculada; ausência de ponta de seta de base côncava ou recta. Placa de xisto lisa; ausência de placas de xisto gravadas. Raras contas discóides em xisto (3 exs.). Taças em calote e de carena média. Fase média (momento avançado) do megalitismo da região (Neolítico médio/recente — segunda metade do quarto milénio).

²³ FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. R. de, *op. cit.* (nota 1).

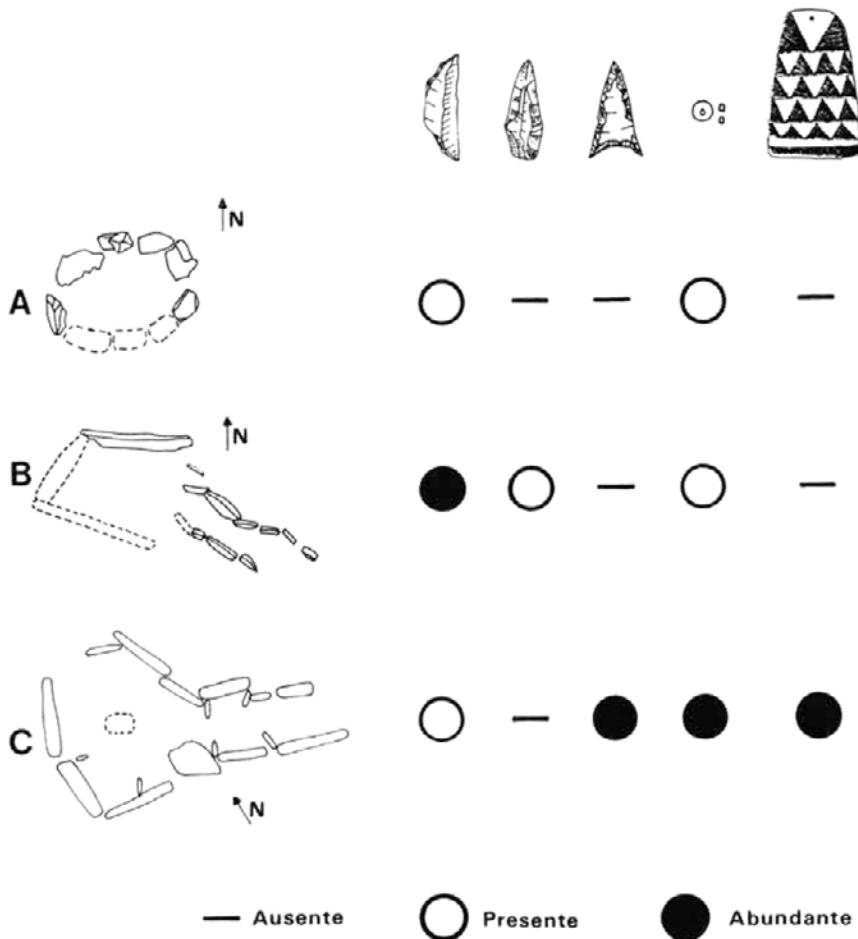


Fig. 17 — Quadro com a distribuição de tipos de objectos nos diversos tipos de monumentos megalíticos do Alentejo litoral:

A — Marco Branco; B — Palhota; C — Pedra Branca.

— *Pedra Branca*. — Sepultura de câmara poligonal e corredor bem diferenciado com septos parciais, envolvida por estrutura tumular (não escavada). Aumento considerável do número de tumulações (65 indivíduos, no mínimo) e do espólio depositado no interior da sepultura. Número elevado de pontas de seta, exclusivamente de base côncava e recta (cerca de 24% do espólio em pedra lascada). Decréscimo relativo dos geométricos (ca. 15%). Abundantes lâminas (ca. 30%) retocadas (18%) e não retocadas, com dimensões médias de $89 \times 17 \times 4$ mm. Contas discóides em xisto muito abundantes (1147 exs). Placas de xisto gravadas em número elevado. Ídolo-falange. Taças em calote, taças de carena baixa e média, vasos subcilíndricos de fundo aplanado; presença do prato de bordo espessado. Apogeu do megalitismo (Neolítico final e Calcolítico inicial — finais do quarto e inícios do terceiro milénios).

